

DÍALOGOS ENTRE BAUDELAIRE E O LIVRO DE DANIEL: O TEÓLOGO, A CARNIÇA E O IMPERADOR

Paulo Sérgio Borges David Mudeh*
paulo.mudeh@unemat.br
Universidade do Estado do Mato Grosso

Isaac Newton Almeida Ramos**
isaacramos3@yahoo.com.br
Universidade do Estado do Mato Grosso

Resumo: Este artigo analisa os diálogos entre dois poemas de Charles Baudelaire – “Castigo do Orgulho” e “Uma Carneça” – que constam em *As Flores do Mal*, e a história da loucura de Nabucodonosor II, segundo o relato do *Livro de Daniel*. Foram debatidos os aspectos formais, estilísticos, morfossintáticos e, principalmente, semânticos, para explorar as formas de representação da religião e do belo na obra do poeta francês, inclusive frente às ideias de Kant sobre o belo e o sublime. Além disso, foram realizadas reflexões sobre como Baudelaire aborda as características do Ocidente de sua época, as quais permanecem atuais. No tocante à teoria da literatura, foram utilizadas obras de Walter Benjamin (2021), Benedetto Croce (1967), Hugo Friedrich (1991), Octavio Paz (1993), Eduardo Veras (2022) e, no tocante a questões históricas e bíblicas, obras de Rodrigo Silva (2005) e John Walton (2021), entre outros.

Palavras-chave: Baudelaire; Nabucodonosor; poesia; Ocidente; religião.

1 Nestes Jardins de Babilônia, o orgulho traz o castigo a todos nós

Charles Baudelaire (1821-1867) publicou o poema “Castigo do Orgulho” em 1850, originalmente na revista *Le Magasin des Familles*. Posteriormente, o texto foi incluído no livro *As Flores do Mal* (1857), especificamente na seção “Spleen e Ideal”,

* Doutorando em estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), mestre em Estudos Literários pela UNEMAT, especialista em Literatura Inglesa pela Faculdade São Luís, e graduado em Licenciatura Plena em Letras com Habilitação em língua estrangeira – Inglês pela Unemat. Seus estudos concentram-se em produções líricas brasileiras e angolanas, principalmente. É professor efetivo de Língua Portuguesa e Língua Inglesa na Rede Municipal de Ensino de Alto Araguaia-MT desde 2015. Atuou por vários anos no Ensino Superior como professor de Língua e Literatura Inglesa também de Literaturas de Língua Portuguesa no Campus da UNEMAT de Alto Araguaia-MT.

** Doutor em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela USP (2011). Mestre em Letras pela USP (2002), na mesma área. Graduação em Letras pela UFMS. Membro do Grupo de Pesquisa em Estudos da Arte e da Literatura Comparada (UNEMAT). Poeta e crítico. Atua nos seguintes temas: poema visual, intensivismo, concretismo, poesia experimental, poema processo, Wladimir Dias-Pino, Silva Freire e Manoel de Barros e D. Pedro Casaldáliga. Membro da ALB (Academia de Letras do Brasil) Amazonas e da ABEPPA (Associação Brasileira de Escritores e Poetas Pan Amazônicos). Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL - UNEMAT). Coordenou o Projeto de Pesquisa “Signos e significados na poética engajada de D. Pedro Casaldáliga” (FAPEMAT), até maio de 2022.

na qual também está o poema “Uma Carniça”. Nesses textos, comparecem forças de degradação do homem responsáveis por reduzi-lo ao caos, seja por via da destruição de sua mente, ou pelo vislumbre do final de sua existência corpórea. São imagens corrosivas, sinestésicas e que põem os sentidos de justiça e de piedade do leitor em xeque, em um diálogo com o mísero, com o decadente, o mau e o noturno, atributos centrais na obra do autor francês, o qual vê na captação do anormal o caminho adequado para captar o destino de sua época (Friedrich, 1991, p. 42-43).

Além dos poemas mencionados, é pertinente trazer uma das narrativas bíblicas que constam no livro do profeta Daniel, escrito por volta de 530 a.C. Trata-se de uma história acerca do governante mais famoso do Segundo Império da Babilônia, Nabucodonosor II, o qual, segundo a tradição judaica, perdeu suas faculdades mentais por sete anos, durante o cativeiro dos judeus em seu reino. Nos termos bíblicos, uma das possíveis explicações clínicas para o mal que acometeu o monarca seria o desenvolvimento de um quadro grave de licantropia. Essas consequências, e suas alegadas motivações, são os principais pontos de contato entre tal episódio e o poema “Castigo do Orgulho”, com a diferença de haver um tempo divinamente determinado para o fim da punição do rei que, diferente do “Doutor” do poema de Baudelaire, foi reduzido à insanidade e à repugnância pelo resto de sua vida.

A relevância dos textos judaico-cristãos para compreender a obra Baudelaire é incontestável, pois a religião cristã tem poderosa presença no Ocidente e em suas ações, assim como “[...] sua presença na obra poética e no pensamento de Baudelaire só pode ser compreendida sob o signo da tradição, respeitando a ambivalência na qual o discurso do poeta sobre religião se constrói” (Veras, 2021, p. 58). Concomitantemente, as rejeições do poeta francês dirigidas ao belo maniqueísta, aos cultivos de sonoridades vazias, além de sua postura contra uma poética concebida sob a égide da inspiração (Friedrich, 1991, p. 50) são ideias que novamente destacam as ligações entre a poesia e a magia, as quais o Humanismo e o Classicismo haviam soterrado. Dessa maneira, a leitura comparativa dos textos elencados revela que o “castigo do orgulho” é dirigido a todos os humanos, posto que o poeta os entende como seres dotados do Mal e capazes de rebelar-se, a partir, ou não, da poesia. Isto ressoa em conformidade com as palavras diretamente dirigidas ao leitor no poema “Ao Leitor”: “- Hipócrita leitor, meu igual, meu irmão!” (Baudelaire, 2015, p. 2).

2 Castigo, morte e loucura: poesia, estética e religião lado a lado

Em “Castigo do Orgulho”¹, o eu-lírico evoca a imagem de um período áureo da “Teologia” e, a partir desse quadro, foca-se nos acontecimentos concernentes a um notável estudioso dessa área. Existe um saudosismo marcado nas sonoridades nasais de “esplêndidos” e “tempos”, concomitante ao suscitar do paradoxo entre o maravilhoso e as brutais penalidades impostas a um homem naquele período. A história da afronta do “doutor” contra “Jesus”, e o amargo castigo resultante desse ato, carrega toques de um pensamento ligado à lógica da punição divina, ao passo que dialoga com vários textos bíblicos² e muitos outros poemas de Baudelaire.

Tanto na versão em francês, ou na tradução selecionada para este artigo³, transparece uma forte pulsão erótica nas palavras do poeta, especificamente naquelas que se referem à antiga importância da “Teologia”. Naquele tempo passado e desprovido de datações – oposto à modernidade das máquinas – o pensamento religioso “viçava” com a “seiva” e a “energia” proporcionadas pelo contexto. No idioma original (Baudelaire, 2016, p. 25), o verbo *fleurir* (que na tradução adotada é correspondente ao termo ‘viçar’) traz consigo a imagem da “flor”, órgão reprodutivo gerador de frutos, os quais são ovários maduros, estruturas destinadas à geração de novos espécimes vegetais.

Por sua vez, a credibilidade de que a referida disciplina gozava está metaforizada na “seiva”, a qual, no mundo concreto, é uma mistura de água e nutrientes provenientes do subsolo. No poema, ela pode ser interpretada como metáfora do subconsciente humano, da escuridão povoada por “[...] seus demônios [...] divindades malevolentes [...]”, isto é, partes perversas e conflituosas da consciência humana (Chevalier e Gheerbrant, 2019, p. 880). A partir desse aspecto, a procura por uma definição do indizível, sob a figura do divino, inevitavelmente traz à tona os males humanos, por excelência.

Inserido em tal panorama, o “doutor” passou a ser campo para erupção de um orgulho que perpassava todos os seus semelhantes, teólogos ou não, visto tal

¹ Os poemas “Castigo do orgulho” e “Uma Carniça” estão elencados, nesta ordem, nos anexos deste artigo.

² Por razão das proporções que este artigo poderia tomar, resolvemos deixar de lado histórias do Rei Salomão, as quais se comunicam com os textos em análise por meio das narrativas de suas degenerações religiosas e sexuais, das quais ele se arrependeu no fim da vida e, depois, conforme a tradição, escreveu o livro de Eclesiastes.

³ Por conta de seu alcance editorial, também de seus aparatos bibliográficos e cinematográficos, a tradução escolhida para este estudo foi a de Ivan Junqueira, a qual foi inicialmente publicada em 1985 e reeditada diversas vezes desde então, segundo os levantamentos realizados por Bottman (2017, p. 176).

sentimento ser inerente à natureza humana. Sua ruptura com o confessional pode ser associada à magnitude de seus conhecimentos sobre diversos sistemas de pensamentos religiosos, os quais possivelmente converteram suas atuações eclesiais mais em técnicas oratórias do que em atos confessionais. Por estar entre “[...] um dos mais eminentes [...]” (Baudelaire, 2015, p. 11) de seu meio intelectual, o seu *status* serviu de palco para o seu rompante de rebeldia armazenada, ao passo que isto intensificou a vergonha de sua queda diante de todos, conforme demarca o sujeito indefinido em “conta-se”.

A partir do quarto verso, o poeta constrói uma gradação de ações que se elevam e chegam à decadência desse indivíduo. O desprezo do “doutor” pelos seguidores conquistados para a fé professada por ele é um dos pontos iniciais da exposição de seu caráter, o qual o poeta pinta como embebido de um sofisticado prazer pelo ato da aceitação da religião (o qual, para ele, era uma forma de rendição do outro aos seus argumentos), seguido pelo seu desdém dirigido a tal conquista. Conforme o poeta, os antigos “corações indiferentes” à religião cristã, provavelmente a todas as outras, eram para aquele homem meros troféus em uma corrida de acumulação de proezas. Nessa escalada, dotada de diferentes graus de dificuldades, ao passo que o poeta constrói uma gradação ascendente nos versos, o eu-lírico sugere um grande conflito existencial do “doutor” em relação a “Jesus”, bem como ao seu real papel na religião.

Nesse entremeio, cresce continuamente o “orgulho”, matéria prima de sua soberba, uma postura que passa a ensejar outras condutas pecaminosas naquele homem. A crueldade e a infiltração desse religioso nas instituições confessionais mostram suas atuações consciente e, propositalmente, satânicas, um adjetivo que o infecta e, versos adiante, o faz perder o controle de si. Visto sob uma ótica menos comprometida com a tradição cristã, as pretensões do teólogo do poema sugerem um anelar pela validação da vontade própria nas ações, pensamentos e decisões do homem da modernidade, além de um desejo de romper com as determinações divinas e com seus intermediários institucionais.

Em tal conjuntura, a tentativa de ser o proprietário de uma divindade, por força do conhecimento acerca das tradições de seu culto, dialoga com o que Pêcheux (2006, p. 35-36) explica sobre a grande tentação de buscar uma ciência onipotente sobre o conhecimento e à prova de falhas interpretativas. O filósofo francês aponta que a escolástica aristotélica, o rigor positivista e a ontologia marxista foram, cada uma em sua época, as grandes participantes dessa corrida, e foram todas derrotadas

na busca de objetivos menores (pois nenhuma cometeu afronta equivalente, que seria a de destituir o conhecimento de sua importância) que os do “doutor”, consideradas as proposições da fé cristã sobre o seu Messias. Tais campos do saber perderam a proeminência de outrora, mas nenhum alcançou um aniquilamento e redução ao “caos”, que em Baudelaire diz respeito à expressão hebraica *tohû-wâbohû*, a qual “[...] corresponde ao apagamento de toda orientação, de toda forma reconhecível e significativa, de tudo o que é *criação*” (Veras, 2022, p. 165-167).

Uma personagem dona de diversas semelhanças – e algumas disparidades – com o “Teólogo” do poema em vista é o rei neobabilônico Nabucodonosor II, segundo a sua caracterização no livro de Daniel, que em seus primeiros seis capítulos narra episódios relacionados ao Cativo dos judeus (597 a.C. – 538 a.C.). De acordo com o texto bíblico⁴, esse monarca possuía um laço de fé com Yahweh desde que presenciara o milagre da sobrevivência⁵ de “Sidrac”, “Misac” e “Abdênago” à pena de morte em uma fornalha, sob a acusação de desobediência ao decreto que ordenava que todos os súditos adorassem a uma nova estátua:

À peine le roi avait prononcé cette parole, qu'on entendit cette voix du ciel : Voici ce qui vous est annoncé, ô Nabuchodonosor roi ! votre royaume passera en d'autres mains ; vous serez chassé de la compagnie des hommes ; vous habitez avec les animaux et avec les bêtes farouches ; vous mangerez du foin comme un bœuf ; et sept temps passeront sur vous, jusqu'à ce que vous reconnaissiez que le Très-Haut a un pouvoir absolu sur les royaumes des hommes, et qu'il les donne à qui il lui plaît. (La Sainte Bible [...], (Dn 3, 28-29, p. 724, 1855).

Depois desse momento de redenção, é a voz do rei quem assume a narração do livro bíblico e disserta sobre o caso de um sonho enigmático. Tal sonho foi decifrado apenas pelo jovem profeta Daniel, lá chamado de Baltassar, conforme consta no capítulo quarto do livro mencionado.

O sonho consistia na visão de uma grande “árvore”, a qual crescia rápido, produzia frutos em abundância, provia abrigo e alimento para os animais do campo,

⁴ Com a finalidade de aproximar-se das leituras bíblicas feitas por Baudelaire, a tradução de Lemaître de Sacy foi selecionada para este estudo, pois, segundo Orfila (2003, p. 53) esta foi a tradução preferida pelo poeta francês. No tocante à tradução da Bíblia para a Língua Portuguesa, foi escolhida a *Bíblia de Jerusalém*, em razão de seu apoio nos textos originais e nos estudos da *Vulgata Latina*.

⁵ Bíblia de Jerusalém (Dn 3, 28-29, p. 900, 2013) : Exclamou então Nabucodonosor: ‘Bendito seja o Deus de Sidrac, Misac e Abdênago, que enviou o seu anjo e libertou os seus servos, os quais, confiando nele, desobedeceram à ordem do rei e preferiram expor os seus corpos a servir ou a adorar qualquer outro deus senão o seu Deus. Eis, pois, o decreto que eu promulgo: Todo aquele que falar com irreverência contra o Deus de Sidrac, Misac e Abdênago, pertença ele a que povo, nação ou língua pertencer, seja feito em pedaços e sua casa seja reduzida a escombros, pois não há outro deus que possa libertar dessa maneira!’.

além de ser grandiosa ao ponto de ser avistada de qualquer região da Terra. Posteriormente, veio um ser celestial e anunciou a derrubada daquela planta e o afugentamento de todos os que se protegiam nela, além de determinar que suas raízes e troncos cortados deveriam ser atados com cadeias de ferro e de bronze. Para completar o castigo, foi dito que a “árvore” não mais deveria ter coração de homem, mas de animal, e assim permanecer por sete tempos.

Profundamente intrigado, o governante expediu um decreto real convocando todos os sábios do reino – neobabilônios e estrangeiros – para interpretar aquele sonho. Após a falha de todos os outros sábios nessa tarefa, é relatado que Daniel obteve êxito e, imediatamente, alertou Nabucodonosor II acerca de uma punição⁶ divina que estava por recair sobre ele, por razão de sua soberba:

C'est pourquoi suivez, ô roi ! le conseil que je vous donne. Rachetez vos péchés par les aumônes, et vos iniquités par les œuvres de miséricorde envers les pauvres : peut-être que le Seigneur vous pardonnera vos offenses. Toutes ces choses arrivèrent depuis au roi Nabuchodonosor. Douze mois après, il se promenait dans le palais de Babylone, et il commença à dire : N'est-ce pas là cette grande Babylone dont j'ai fait le siège de mon royaume, que j'ai bâtie dans la grandeur de ma puissance, et dans l'éclat de ma gloire ? À peine le roi avait prononcé cette parole, qu'on entendit cette voix du ciel : Voici ce qui vous est annoncé, ô Nabuchodonosor roi ! votre royaume passera en d'autres mains ; vous serez chassé de la compagnie des hommes ; vous habitez avec les animaux et avec les bêtes farouches ; vous mangerez du foin comme un bœuf ; et sept temps passeront sur vous, jusqu'à ce que vous reconnaissiez que le Très-Haut a un pouvoir absolu sur les royaumes des hommes, et qu'il les donne à qui il lui plaît. (La Sainte Bible [...], Dn 4, 24-29, p. 724, 1855).

Segundo o Daniel, toda a pompa, poder e riquezas de Nabucodonosor II – que no sonho foram representados pela folhagem e pelos galhos cortados da árvore – seriam destituídos do monarca, para que ele compreendesse a força da permissão divina envolvida em seus grandes feitos. Um dos apelos que o jovem profeta fez ao rei foi referente à prática da misericórdia aos pobres, porém, sem mencionar qualquer barganha concernente à libertação dos judeus (embora muitos deles tenham sido

⁶ Bíblia de Jerusalém (Dn 4, 24-29, p. 902, 2013): “Eis por que, ó rei, aceita meu conselho: repara teus pecados pelas obras de justiça e tuas iniquidades pela prática da misericórdia para com os pobres, a fim de que se prolongue a tua segurança”. Tudo isto aconteceu ao rei Nabucodonosor. Doze meses mais tarde, passeando sobre o terraço do palácio real de Babilônia, o rei tomou a palavra, dizendo: ‘Não é esta a grande Babilônia que eu construí, para fazer dela a minha residência real, pela força do meu poder e para a majestade da minha glória?’ Essas palavras estavam ainda na boca do rei, quando uma voz caiu do céu: ‘É a ti que se fala, ó rei Nabucodonosor! A realeza foi tirada de ti; serás expulso da convivência dos homens e com as feras do campo será a tua morada. De erva, como os bois, te nutrirás, e sete tempos passarão sobre ti até que reconheças que o Altíssimo domina sobre o reino dos homens e ele o dá a quem lhe apraz”.

englobados nesse conselho). Tal fato somente ocorreu décadas depois, sob o domínio de Ciro, o Grande, rei da Média e da Pérsia.

No tocante ao valor dado aos sonhos em todo o Antigo Oriente Próximo, Walton (2021, p. 252-253) ressalta que era comum darem grande importância a tais fenômenos, sobre os quais haviam crenças de serem mensagens de deuses. Esse aspecto cultural também era presente em Israel (cujo patriarca provém, conforme a tradição, de Ur) e encontra-se registrado em seus textos sagrados mais antigos. Mesmo assim, não havia um sistema padronizado e formal de interpretações dessa natureza entre os israelitas, de maneira que Daniel não poderia ter adquirido esses conhecimentos em Judá, seu país natal. Por isso, o autor defende que, por razão de sua preparação na língua e na cultura dos neobabilônicos, o jovem profeta provavelmente lidou com textos de vaticínio, sob a expectativa de que ele exercesse o cargo de *baru* (especialista em adivinhações), conforme sugere o texto bíblico⁷:

Alors le roi dit à Asphéneze, chef des eunuques, qu'il prît d'entre les enfants d'Israël, et de la race des rois et des princes, de jeunes hommes, en qui il n'y eût aucun défaut, qui fussent bien faits, instruits dans tout ce qui regarde la sagesse, habiles dans les sciences et dans les arts ; afin qu'ils demeurassent dans le palais du roi, et qu'il leur apprît à écrire et à parler la langue des Chaldéens. (La Sainte Bible [...], Dn 1, 3-4, p. 719, 1855).

Em “Castigo do Orgulho”, a grandeza intelectual do “doutor” é equivalente às conquistas de Nabucodonosor, conforme sugere o trecho “caminhos dele próprio até desconhecidos” (Baudelaire, 2015, p. 11). Em ambos os casos, as condições ímpares das realizações trazidas pelos textos em vista conduzem os seus agentes a níveis de vaidade notavelmente altos. Tal sentimento é próprio do ser humano e está incluso pela doutrina católica – bastante ligada ao contexto de produção do poeta francês – entre os Sete Pecados Capitais, isto é, aqueles capazes de conduzir a outros pecados. No tocante ao monarca e as suas “iniquidades”, o texto bíblico não especifica as naturezas destas, mas elas podem abranger desde promiscuidades, até atos de crueldade contra povos conquistados, ou mesmo referirem-se corrupções na aplicação da principal lei local, o Código de Hamurabi.

⁷ Bíblia de Jerusalém (Dn, 1: 3-4, 2013, p. 986): “Depois, o rei ordenou a Asfenez, chefe dos seus eunucos, que escolhesse dentre os filhos de Israel alguns moços, quer de sangue real, quer de famílias nobres, nos quais não devia haver defeito algum: deviam ter boa aparência, ser instruídos em toda sabedoria, conhecedores da ciência e subtilezas no entendimento, tendo também o vigor físico necessário para servirem no palácio do rei. Asfenez lhes ensinaria a escrita e a língua dos caldeus”.

Quanto ao “teólogo”, sua soberba evolui rumo a um “orgulho satânico”, uma força antagonista à de seu Criador, conforme versa a tradição judaico-cristã. Sua citação constrói a imagem de uma afetação do teólogo por uma tentação incrustada em seu âmago, oposta sempre à luz, por forma que ele próprio se torna pleno em arrogância e maldade (Chevalier e Gheerbrant, 2019, p. 805). Tornar diabólica uma figura de prestígio religioso é uma artimanha do poeta para expor a moralidade fictícia e decadente da do catolicismo francês – o qual se envolveu com movimentos contrarrevolucionários franceses – e para fazer oposição aos poetas românticos da primeira fase, bem como aos seus cultos ao amor casto (Agostinho, 2012, p. 118).

No poema, o apóstrofo “Jesus, ó meu Jesus!” sugere a crença do “doutor” na posse da divindade pelas mãos do humano, algo deveras distinto da afetividade de um fiel ao clamar “meu Jesus”, uma expressão típica do cristianismo. Em francês, tais desdém e ironia são mais nítidas, pois a expressão “*Jésus, petit Jésus*” (Baudelaire, 2016, p. 25) carrega a ideia de diminuição de “Jesus”, de maneira que o divino sofre a tentativa de ser reduzido a mero objeto de estudo, posto que o “doutor” demonstra entendê-lo como um conceito manipulável. Não obstante, os dogmas cristãos prescrevem a soberania da Trindade e a sua participação unilateral na criação do Universo, de maneira que as alegações do final da primeira estrofe de “Castigo do Orgulho” contradizem fortemente as ideias anteriormente propagadas pelo teólogo.

Nesse viés, o eu-lírico apresenta uma sequência de afrontas argumentadas com base em suas atividades de propagação da fé cristã, em uma atitude similar às cobranças de trocas de favores entre as instituições seculares e religiosas, nos contextos medievais e absolutistas da Europa, principalmente. Por sua vez, a afirmação de ter elevado “Jesus” às “etéreas alturas” pode ser lida na forma de uma tentativa de medir o poder de um deus a partir da complexidade e do desenvolvimento da sociedade que o venera. Por sua vez, Kant (2018, p. 35) aponta que

é necessário ao sublime ser sempre grande, o belo também pode ser pequeno. O sublime precisa ser simples [einfältig], o belo pode ser adornado e amaneirado. Uma altura elevada é tão sublime quanto uma profunda depressão, só que a esta acompanha uma sensação de assombro, àquela de admiração; por esse motivo a primeira sensação pode ser a do sublime terrível, a segunda, do sublime nobre.

Por essa via, o divino se torna análogo ao sublime no poema em vista, ao passo que os feitos do “doutor” se encontram no rol do “belo”, isto é, daquilo que se desfaz para não mais recuperar suas formas. Em comparação, conforme Silva (2005, p. 40-

41), mesmo a existência de Nabucodonosor II foi por séculos questionada, pois não havia provas documentais ou arqueológicas sobre ele, com exceção dos textos bíblicos, dos relatos de Heródoto e de Berossus. Considerada toda a dinastia dos Caldeus na forma de uma metonímia das grandezas da obra humana, o deserto dos arredores de Bagdá, que engoliu as ruínas de Babilônia, pode ser visto como exemplo do sublime a subjugar a obra dos homens. Tamanho foi o efeito disso, que somente em 1899 d.C. foram encontrados tijolos com as insígnias do rei, que somente puderam ser identificadas por conta de dicionários da biblioteca de Assurbanipal, os quais ensinavam acerca do uso que os acadianos faziam da escrita suméria.

Após esse intercuro arqueológico, é possível aproximar os casos do governante neobabilônico e do “doutor” do que o poeta viu em “Uma carniça”. Tal poema é carregado de reflexões sobre o belo, o feio e acerca da condição humana de ser mortal e suscetível às forças da existência. Seu eu-lírico recorda a imagem da decomposição da matéria viva, com o intuito de mostrar à sua “amada” a finitude da vida e de tudo feito pelo homem. Sob o signo dos “livores” – manchas de sangue coagulado em um cadáver – repousam a metáfora dos desejos e feitos humanos degradados pela morte, a qual conduz o ser humano ao mesmo patamar de qualquer outro animal. Em sua gestação dos “livores”, aquele “ventre” apodrecido simboliza a geração da vida, juntamente de uma força devoradora de vontades (Chevalier e Gheerbrant, 2019, p. 937), de maneira a reforçar o papel da morte no ciclo da vida.

Depois dessas considerações iniciais sobre a “carniça”, para melhor entendimento sobre as relações entre os poemas de Baudelaire em análise é preciso examinar a totalidade das ameaças feitas pelo “doutor” a “Jesus”: “Jesus, ó meu Jesus! Te ergui à etérea altura! / Mas se, ao contrário, eu te golpeasse na armadura, / Tua vergonha igualaria a tua glória, / E não serias mais que um feto sem história!” (Baudelaire, 2015, p. 11). Tais colocações contêm uma metáfora relacionada à confiança nos aparatos teológicos construídos e propagados pelo homem, os quais carregam a presunção de que são as instituições religiosas os reais sustentáculos da espiritualidade humana. Ao transpor-se tal raciocínio para o campo da literatura, seria como se um escritor (ou algum estudioso) afirmasse que tal arte não se sustentaria sem ele e sem as suas produções, algo similar às atitudes reacionárias de movimentos artísticos retrógrados – porém influentes e ativos.

A degradação interior do “doutor” carrega grande similaridade com a situação da “carniça”, a qual estava com “As pernas para cima, qual mulher lasciva, / A transpirar

miasmas e humores, / Eis que as abria desleixada e repulsiva, / O ventre prenhe de livores” (Baudelaire, 2016, p. 17). Essa aproximação acontece por via da representação erótica da putrefação das formas, luxuriosamente a exalar infecções e enfermidades e a exhibir o repulsivo aos olhos. Por seu turno, o religioso lança fora a podridão de suas vísceras morais, um falso recato fermentado na decomposição simbólica de seu espírito. No texto, o Mal intrínseco ao ser humano exala fortes odores, semelhantes àqueles vindos de um animal em decomposição, analogamente à seguinte passagem bíblica⁸:

Et Jésus lui répondit: Quoi! êtes-vous encore vous-mêmes sans intelligence? Ne comprenez-vous pas, que tout ce qui entre dans la bouche descend dans le ventre, et est jeté ensuite dans un lieu secret; mais que ce qui sort de la bouche part du cœur, et que c'est ce qui rend l'homme impur? Car c'est du cœur que partent les mauvaises pensées, les meurtres, les adultères, les fornications, les larcins, les faux témoignages, les blasphèmes et les *médiances* [...] (La Sainte Bible [...], Mt 15, 16-19, p. 793, 1855).

Juntamente a essa linha interpretativa, surge a vontade desse homem pela sua libertação das dominâncias religiosas presentes em vários aspectos de sua sociedade. As ameaças de apagamento de “Jesus” da história para transformá-lo em mero “feto” demonstram também o desejo do “doutor” pela alforria de concepções de mundo de épocas anteriores à sua, dado o contexto de uma Restauração monárquica na França de Baudelaire. Nesse viés, o poeta conta as graves consequências do levante simbólico e social do teólogo, que sofreu uma duríssima e exemplar punição, a qual lhe atingiu o corpo, a alma e o nome, de maneira parecida e, sob certo aspecto, superior à que recaiu sobre Nabucodonosor II.

No caso do rei, doze meses haviam passado desde a interpretação do sonho feita por Daniel, mas nada havia ainda ocorrido em relação a tal assunto. Por conta desse lapso temporal, é possível considerar que a soberba se fortaleceu no âmago de Nabucodonosor II, assim como uma sensação de impunidade poderia ter-lhe conduzido a um deliberado esquecimento dos avisos do profeta. Porém, em um

⁸ Bíblia de Jerusalém (2013, Mt 15, 16-19, p. 977-978): “Disse Jesus: ‘Nem mesmo vós tendes inteligência? Não entendeis que tudo o que entra pela boca vai para o ventre e daí para a fossa? Mas o que sai da boca procede do coração e é isto que torna o homem impuro. Com efeito, é do coração que procedem más intenções, assassinios, adultérios, prostituições, roubos, falsos testemunhos e difamações’”.

momento em que o rei se gabava de suas conquistas, uma voz dirigiu-se a ele e, imediatamente, o cumprimento das ameaças⁹ divinas foi iniciado:

Cette parole fut accomplie à la même heure en la personne de Nabuchodonosor. Il fut chassé de la compagnie des hommes ; il mangea du foin comme un bœuf ; son corps fut trempé de la rosée du ciel, en sorte que les cheveux lui crûrent comme les plumes d'un aigle, et que ses ongles devinrent comme les griffes des oiseaux. (La Sainte Bible [...], (Dn 4, 30, p. 724, 1855).

Neste excerto bíblico, é interessante observar a comparação entre a aparência do monarca – em sua loucura – com o “boi” e a “águia”, os quais são, respectivamente, símbolos de força e de ampla visão, ainda que ele não tenha sido dotado dessas qualidades. A partir de tais imagens, é possível depreender que as intenções de Yahweh consistiam em uma espécie de domesticação pública e exemplar daquela figura, não apenas em uma transformação individual.

Aplicada pela mesma divindade – da forma que Baudelaire a representou – a pena do “doutor” possui uma função didática estritamente voltada à afirmação amedrontadora de poder perante a comunidade, visto não haver sequer previsão de retorno do intelecto e das faculdades mentais do “Doutor”. Concomitantemente, as ofensas feitas pelo estudioso usurpam séculos de produções intelectuais importantes para a propagação do cristianismo, um estelionato do saber que clama por punição. Por conta desse desdém às autorias de conhecimento humano, é possível interpretar a redução da mente do teólogo ao “pó” na forma de um intertexto com o trecho bíblico¹⁰ “[...] car vous êtes poudre, et vous retournerez en poudre” (La Bible [...], 2013, Gn 3, 19, p. 3), o qual, nesse contexto, é referente à loucura e também à privação do saber, juntamente de toda herança dele provinda. Dessa maneira, tanto o religioso, quanto o imperador, entram em um tipo de mundo à parte, em uma espécie de estado de morte, ainda em vida.

Por outro lado, a decomposição da “carniça” não provém de uma retaliação àquele ser sem vida na estrada, e sim de um processo natural observado pelo eu-lírico, evocado em suas memórias e, no texto, lembrado à sua “amada”. Ao referir-se à ação da luz solar sobre aquele cadáver, o poeta utiliza a comparação “Como a

⁹ Bíblia de Jerusalém (2013, Dn 4, 30, p. 902): “No mesmo instante cumpriu-se a palavra em Nabucodonosor: ele foi expulso da convivência dos homens; comeu erva como os bois; seu corpo foi banhado pelo orvalho do céu; seus cabelos cresceram como penas de águia e suas unhas como garras de pássaros”.

¹⁰ Bíblia de Jerusalém (2013, Gn 3, 19, p. 4): “Pois tu és pó e ao pó tornarás”.

cozê-la em rubra pira” (Baudelaire, 2015, p. 17) e evoca um ritual inteligente e conscientemente feito pela natureza. A imagem do cumprimento de um ciclo infinito de maneira tão cabal é uma dura sinestesia contra a visão e o olfato daquela projeção da alma do poeta (pois ele usa a expressão ‘*mon âme*’ no texto original), uma representação do comportamento humano perante a morte e o repugnante. Além do cheiro, são igualmente dignos de nota os agentes decompositores em geral, pois, em parêntese com “verme”, segundo o verbete de Chevalier e Gheerbrant (2019, p. 943), eles simbolizam a interação entre a morte e a vida a alimentarem-se uma da outra.

Em “Castigo do Orgulho”, a “[...] flama deste sol [...]” (Baudelaire 2016, p. 11) metaforiza o grande intelecto do teólogo e faz uma aproximação deste seu atributo com a força vital ligada ao elemento fogo, o qual também está presente na imagem da “rubra pira” do outro poema. O apagamento de seu intelecto, nesse contexto, está próximo da imagem de Nabucodonosor II como uma “grande árvore” que dava sombra a quem se achegasse, de maneira que a queda desta é semelhante ao tingir de “negro” a “flama” do “doutor”.

No verso seguinte, a chegada do “caos” representa a derrota humana frente ao sobrenatural, ao passo que a “inteligência” do “doutor” se torna uma metonímia do encéfalo humano, cujas funções tornaram-se semelhantes aos “trapos nefandos” de “Uma Carniça”. Da comparação desse indivíduo com imagem do artista, e de sua religião com a respectiva obra de arte, é possível depreender que esta lhe exige a perda de toda “[...] a sua ‘natureza’, todo o caráter, e que, ao deixar de relacionar-se com os outros e consigo mesmo [...]” converte-se “[...] no lugar vazio onde se anuncia a afirmação impessoal” (Blanchot, 2011 p. 52). Sob esse prisma, a sua redução à loucura resultou em sua transformação em um metafórico poeta maldito, isto é, alguém paradoxalmente presente e isolado em um mundo totalmente voltado aos discursos do progresso e do desenvolvimento.

No verso seguinte, a caracterização da mente do religioso no patamar de um “templo antes vivo, pleno de ordem e opulência” (Baudelaire, 2015, p. 11) constrói, para esse homem, a imagem de um cultuador de uma ordem social fortemente estática. A sua tentativa de elevar-se ao nível de um deus, conforme os apontamentos realizados, foi motivada pelo caráter ímpar de seus conhecimentos em seu campo de ação, além de um levante contra sua própria hipocrisia sociológica. Benjamin (2021, p. 24) aponta que a subversão anticristã, isto é, o satanismo em Baudelaire “[...] não pode ser tomado demasiado a sério. Se tem algum significado, é no sentido de ser a

única atitude que, a longo prazo, poderia sustentar a sua posição inconformista”. Em relação a Nabucodonosor, as transgressões motivadoras de sua punição podem ser desdobradas na figura do culto às posses, ao poder e às riquezas, atitudes contra as quais Daniel lhe alertou.

Na sexta estrofe de “Uma Carniça”, o eu-lírico rememora a dinâmica geral da podridão observada: “E tudo isso ia e vinha, ao modo de uma vaga,/ Que esguichava a borbulhar,/ Como se o corpo, a estremecer de forma vaga,/ Vivesse a se multiplicar” (Baudelaire, 2015, p. 17). Nos versos, esses pequenos ires e vires daquele corpo em decomposição metaforizam a continuação dos ciclos da vida e da sociedade, mesmo depois de suas vidas findarem, pois ambos devem ceder lugar para os próximos, em um sentido físico e histórico, respectivamente. Contemplada também nessa imagem, a expressão poética renasce de tempos em tempos nos homens, sejam eles contemporâneos ou aqueles que virão nos séculos posteriores (Croce, 1967, p. 79). Sob este raciocínio, os fluídos borbulhantes do poema metaforizam as forças dessa multiplicação a partir da morte, da mesma forma em que os estímulos visuais, olfativos e auditivos naturais das condições clínicas de Nabucodonosor II e do “doutor” compartilhavam as mensagens de suas loucuras.

Na sequência, a “bulha esquisita”, que o poeta menciona em “Uma carniça”, denomina um incômodo principalmente visual e sonoro, com um provável som de moscas que passa a constituir sua memória daquele episódio. Paradoxalmente à naturalidade das palavras do eu-lírico para a sua “amada”, a morte possui uma insignificância tamanha na vida do ocidental, que tal homem é levado a eliminá-la de sua vida diária (Paz, 1993, p. 63), o que mostra uma voz poética consciente de seu tempo, e ao mesmo tempo não está aprisionada por ele. Por outro lado, uma vez que poesia e a mentalidade pequeno-burguesa (reinante atualmente e nos tempos de Baudelaire) são opostas, trazer as imagens em pauta para os versos é mostrar ao leitor que a arte é a busca do extremo, é a senhora suprema, uma relação com a morte, por excelência (Blanchot, 2011, p. 93).

Adiante, a “cadela”, ao encarar o eu-lírico e sua “amada”, viu neles rivais em uma hipotética disputa por aquele pedaço de imundície, uma precaução que expõe e contradiz a soberba humana de se considerar superior aos demais seres vivos e de acreditar ser visto assim por eles. Entre outras características dos cães, Chevalier e Gheerbrant (2019, p. 176) destacam a universalmente atestada função mítica desse animal de ser o guia do homem após sua morte. Dessa forma, no poema, a fêmea

dessa espécie simboliza uma força de manutenção dos mundos dos vivos e dos mortos, ao passo que faz o eu-lírico lembrar de que sua condição será, inescapavelmente, similar à daquela “carniça”. Essa associação relaciona-se com a importância da teologia da Queda em Baudelaire, pensamento sustentador da ambivalência e da irredutibilidade do espaço poético em relação ao dogma (Veras, 2022, p. 48-49), que nos dois poemas visitados passam pela apropriação subversiva dos ideais de belo que eram reinantes na época da publicação de *As Flores do Mal*.

A partir da antepenúltima estrofe, as palavras passam a se referir ao destino da “amada” do poeta, igualando-a ao que ele chama de “[...] coisa apodrecida, / essa medonha corrupção” (Baudelaire, 2015, p. 18), em uma construção alicerçada sobre o paradoxo entre a escuridão daquela cena e a luz da beleza de sua interlocutora. Por intermédio da oposição entre a “deusa da beleza” e a “medonha corrupção” que aguardava o corpo dela após sua morte, é possível ter um vislumbre da agonia do “doutor” pelo sepultamento de sua razão “Qual numa fuma cuja boca jaz selada” (Baudelaire, 2015, p. 11). Em sua loucura, tal homem passa a ser comparado aos “animais da estrada”, ou seja, igualado a um ser que haveria de se tornar uma carcaça, semelhante à do outro poema.

A derradeira estrofe de “Uma Carniça” traz uma interessante colocação do eu-lírico acerca da preservação da memória, a qual não será acerca de sua amada, e sim de seu próprio amor. Por esse sentimento encontrar-se decomposto, as preservações de sua “forma” e da “substância divina” – as quais ele trata como provenientes de seu âmago – mostram a consciência do autor sobre os mecanismos de preservação da imagem poética. A respeito disso, Bosi (1977, p. 13) ensina que: “A imagem do objeto-em-si é inaferrável; e quem quer apanhar para sempre o que transcende o seu corpo acaba criando um novo corpo: a imagem interna, ou o desenho, o ícone, a estátua. Que se pode adorar ou esconjurar”. Frente a essa explanação, é possível inferir que o “amor decomposto” representa – mais do que uma visão romântica de um sentimento morto – a solidão essencial de sentir-se sempre através da carência de outro, algo incrustado na naturalidade da vida humana (Paz, 1993, p. 211-212), aceito e entendido pelo eu-lírico, porque ele não fez tais propostas a ninguém além de si.

Com o auxílio da imagem da “cadela”, surge a constatação de uma metafórica autorização para que a mente e o antigo renome do “doutor” fossem, imediatamente, degradados e dissolvidos. Por outro lado, a penalidade de Nabucodonosor não é

perpétua e tem objetivos didáticos, os quais foram alcançados (com uma dose de maniqueísmo), segundo versa o texto bíblico¹¹:

'Maintenant donc, moi, Nabuchodonosor, je loue le Roi du ciel, et je publie sa grandeur et sa gloire ; parce que toutes ses œuvres sont fondées dans la vérité, que toutes ses voies sont pleines de justice, et qu'il peut humilier ceux qui se conduisent avec orgueil'. (La Bible [...], 2013, Dn 4, 34, p. 724).

Por sua vez, o teólogo permaneceu louco, a perambular pela “estrada” e pelos “campos”, submetido ao abandono e sempre a fazer o “[...] riso e a diversão da meninada” (Baudelaire, 2016, p. 11).

3 Serás canibalizado pela poesia, desde os seus ancestrais

A leitura e a análise de poemas de Charles Baudelaire, juntamente de alguns dos relatos proféticos do livro de Daniel, são capazes de lançar luzes às relações entre pensamentos e imagens provenientes da Antiguidade, as quais se fizeram presentes na época da publicação de *As Flores do Mal* e continuam a ecoar no século XXI. Com o auxílio da apropriação do discurso religioso, algo feito com consciência acerca de seu poder na França do século XIX, o poeta expõe a face ignorante e vaidosa da burguesia, a classe em grande ascensão em naqueles dias e, atualmente, dona do *status quo*. A inevitável deterioração da proeminência desse grupo social, a sua metafórica aproximação da visão da “carniça” e a conclusão de que, um dia, seus ideais serão reduzidos ao estado de detritos são algumas das maneiras de expor a futilidade das metas e das ideologias dominantes no Ocidente.

Não obstante, a vergonhosa queda do “doutor” de “Castigo do Orgulho” é um tormento proporcional à sua pregressa grandeza, algo enunciado em um formato análogo ao da profecia, a qual Paz (1983, p. 33-34) define como pautada na observação do passado em detrimento do futuro. As similaridades desse homem com os relatos bíblicos sobre a loucura de Nabucodonosor II, por conseguinte, superam as meras proximidades entre dois entes castigados pela vontade divina, que é uma força motivadora pouco, ou nada, consistente na modernidade. A aproximação desses textos revela mudanças na compreensão humana sobre os esteios do poder – que

¹¹ Bíblia de Jerusalém (2013, Dn 4, 34, p. 902): “E agora, eu, Nabucodonosor, louvo, exalto e glorifico o Rei do céu, cujas obras todas são verdade, e cujos caminhos são justiça, ele que sabe rebaixar os que procedem com soberba”.

ora se centra no bélico, ora é principalmente intelectual – e sobre o inalcançável da espiritualidade humana e o inalcançável da poesia, os quais têm certas proximidades.

No poema “Uma carniça”, longe de rasas reflexões sobre a finitude da vida, das instituições e daqueles que as operam, o Baudelaire trouxe imagens capazes de enojar os sentidos do leitor. É por intermédio desse asco o leitor é conduzido a um outro entendimento de suas intempéries sociais e existenciais. A morte da razão de uma determinada época, de seus símbolos, inclusive de suas concepções de arte, não são a morte da poesia, a qual é semelhante àquela “cadela” a vigiar a “carniça”, em uma espera para guiar seu espírito e ritualizar a desintegração de suas carnes mortas. Nessa metáfora da língua, dos sujeitos sociais, da história, e de diversos outros elementos, resta dizer que a arte sempre soube, antes de qualquer ciência ou filosofia, que a matéria não pode ser destruída, apenas, novamente, (des)ordenada.

DIALOGUES BETWEEN CHARLES BAUDELAIRE AND THE BOOK OF DANIEL: THE THEOLOGIAN, THE CARCASS AND THE EMPEROR

Abstract: This article is an analysis of the dialogues among the poems “The punishment of pride”, “A carcass” – both from *The Flowers of Evil*, by Charles Baudelaire – and the episode of the madness of Nebuchadnezzar II, as told in the *Book of Daniel*. The intrinsic and extrinsic aspects of these texts were discussed in order to comprehend the religious representations and the ideals of beauty in Baudelaire’s texts, also regarding Kant’s ideas of “beauty” and “sublime”. Baudelaire’s perceptions about the gears of the Western World were visited, once many of these aspects remain alive. As theoretical resources, we resorted to authors such as Walter Benjamin (2021), Benedetto Croce (1967), Hugo Friedrich (1991), Octavio Paz (1993) and Eduardo Veras (2022). Regarding the enlightenment of historical and biblical matters, we relied on Rodrigo Silva (2005) and John Walton (2021), mainly.

Keywords: Baudelaire; Nebuchadnezzar II; poetry; Western World; religion.

Referências

AGOSTINHO, Larissa Drigo. Baudelaire e Belzebu. In: MAGALHÃES, Antônio Carlos de Melo; BRANDÃO, Eli; FERRAZ, Salma; LEOPOLDO, Rafael Novaresi (Org.). *O demoníaco na literatura*. Campina Grande: EDUEPB, 2012. Disponível em: https://ler.amazon.com.br/?asin=B00NQBT05W&ref=kw_lkr_iv_rec_1&language=pt-BR. Acesso em: 27 jun. 2022.

BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Tradução Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015). Disponível em: <https://docs.google.com/file/d/0B5q4S1qTPP2XTS13b2lrRVcwem8/view?resourcekey=0-i748NCwpllj2yl88DVPD-A>. Acesso em: 01 jun. 2022.

BAUDELAIRE, Charles. *Les fleurs du Mal*. 2016. Disponível em: <https://www.bibebook.com/files/ebook/libre/V2/ baudelaire charles - les fleurs du mal.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2022.

BENJAMIN, Walter. *Baudelaire e a modernidade*. Tradução João Barrento. 1. ed. 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Editora Paulus: 2007. Disponível em: https://www.totustuusmariae.com.br/upload/biblia_de_jerusalem.pdf. Acesso em: 23 mai. 2025.

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BOSI, Alfredo. *O Ser e o Tempo da Poesia*. São Paulo: Cultrix, 1977.

BOTTMANN, Denise. Edições de Baudelaire no Brasil. *Revista XIX: Artes técnicas em transformação*, v.2, n. 5, p. 158-190, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistaXIX/article/view/21831>. Acesso em: 23 mai. 2025.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. Tradução. Vera da Costa e Silva [et al.]. 33. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2019.

CROCE, Benedetto. *A poesia: introdução à crítica e a história da poesia e literatura*. Porto Alegre - RS: Editora A Nação, 1967.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna (da metade do século XIX a meados do século XX)*. Tradução Marise M. Curioni. Tradução poesias Dora F. da Silva. 2. ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1991.

KANT, Immanuel. *Observações Sobre o Sentimento do Belo e do Sublime - Ensaio Sobre as Doenças Mentais*. Tradução Vinícius de Figueiredo. São Paulo: Editora Clandestina, 2018.

La Sainte Bible traduite par Lemaistre de Sacy. Société biblique britannique et étrangère, 1855. Disponível em: https://fr.wikisource.org/wiki/Bible_Sacy. Acesso em: 23 mai. 2025.

ORFILA, Thierry. La Bible comme texte premier dans l'œuvre de Baudelaire. In: SABBAAH, Danièle; FEYLER, Patrick (orgs.). *L'Origines des textes*. Presses Universitaires de Bordeaux, 2003. Disponível em: <https://books.openedition.org/pub/50430>. Acesso em: 23 mai. 2025.

PAZ, Octavio. *El Laberinto de la Soledad*. 2. ed. Tlalpan, México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

PAZ, Octávio. *Os Filhos do Barro: do romantismo à vanguarda*. Tradução Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução Eni Orlandi. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

SILVA, Rodrigo Pereira. A historicidade de Nabucodonosor: análise paleográfica e interpretativa de uma inscrição neo-babilônica. *Revista Eletrônica do Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia*, v. 1, n. 1, p. 39-44, 1º semestre de 2005. Disponível em: <https://www.revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/351/355>. Acesso em: 01 jul. 2022.

VERAS, Eduardo. *Baudelaire e os limites da poesia*. São Paulo, SP: Corsário-Satã, 2022.

WALTON, John H. *O pensamento do antigo oriente próximo e o antigo testamento: introdução ao mundo conceitual da Bíblia Hebraica*. Tradução Marcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2021.

ANEXO A

CASTIGO DO ORGULHO

Nos esplêndidos tempos em que a Teologia
Viçava no apogeu da seiva e da energia,
Conta-se que um doutor, dentre os mais eminentes,
Após dobrar os corações indiferentes,
Os arrojou nas mais escuras profundezas;
Após franquear às celestiais e altas grandezas
Caminhos dele próprio até desconhecidos,
Só pelas almas puras talvez percorridos,
Como quem alto foi demais, cheio de pânico,
Gritou, possuído então de um orgulho satânico:
"Jesus, ó meu Jesus! Te ergui à etérea altura!
Mas se, ao contrário, eu te golpeasse na armadura,
Tua vergonha igualaria tua glória,
E não serias mais que um feto sem história!"
Sua razão de pronto a pó se reduziu.
A flama deste sol de negro se tingiu;
O caos se lhe instalou então na inteligência,
Templo antes vivo, pleno de ordem e opulência,

Sob cujos tetos tanto fausto resplendia
E nele floresceram a noite e a agonia,
Qual numa fumaça cuja boca jaz selada.
Desde então semelhante aos animais da estrada,
Quando ia ao campo sem saber sequer quem era,
Sem distinguir entre o verão e a primavera,
Imundo, ocioso e feio como coisa usada,
Fazia riso e a diversão da meninada.

ANEXO B

UMA CARNIÇA

Lembra-te, meu amor, do objeto que encontramos
Numa bela manhã radiante:
Na curva de um atalho, entre calhaus e ramos,
Uma carniça repugnante.
As pernas para cima, qual mulher lasciva,
A transpirava miasmas e humores,
Eis que as abria desleixada e repulsiva,
O ventre prenhe de livores.
Ardia o sol naquela pútrida torpeza,
Como a cozê-la em rubra pira
E para o cêntuplo volver à Natureza
Tudo o que ali ela reunira.
E o céu olhava do alto a esplêndida carcaça
Como uma flor a se entreabrir.
O fedor era tal que sobre a relva escassa
Chegaste quase a sucumbir.
Zumbiam moscas sobre o ventre e, em alvoroço,
Dali saíam negros bandos
De larvas, a escorrer como um líquido grosso
Por entre esses trapos nefandos.
E tudo isso ia e vinha, ao modo de uma vaga,
Que esguichava a borbulhar,
Como se o corpo, a estremecer de forma vaga,

Vivesse a se multiplicar.
E esse mundo emitia uma bulha esquisita,
Como vento ou água corrente,
Ou grãos que em rítmica cadência alguém agita
E à joeira deixa novamente.
As formas fluíam como um sonho além da vista,
Um frouxo esboço em agonia,
Sobre a tela esquecida, e que conclui o artista
Apenas de memória um dia.
Por trás das rochas, irrequieta, uma cadela
Em nós fixava o olho zangado,
Aguardando o momento de reaver àquela
Carniça abjeta o seu bocado.
- Pois há de ser como essa coisa apodrecida,
Essa medonha corrupção,
Estrela de meus olhos, sol da minha vida,
Tu, meu anjo e minha paixão!
Sim! Tal serás um dia, ó deusa da beleza,
Após a bênção derradeira,
Quando, sob a erva e as florações da natureza,
Tornares afinal à poeira.
Então, querida, dize à carne que se arruína,
Ao verme que te beija o rosto,
Que eu preservarei a forma e a substância divina
De meu amor já decomposto!

Recebido em 10/04/2023

Aceito em 18/06/2025

Publicado em 20/06/2025